

ricana que estava recobrando sua "romanidade", obscurecida pelo Padroado de séculos, girando ao redor dos conflitos entre Estado e Igreja, o I Concílio Plenário criou uma nova consciência continental de vastas perspectivas. A América Latina sentiu fazer parte de uma Igreja Universal, de possuir um influxo popular, capaz de superar as maiores crises políticas e de ter uma força interna de coesão que a permitiria analisar seus próprios

problemas e buscar as soluções. O Concílio foi um antecedente do Sínodo da América realizado em Roma no mês de dezembro de 1997¹⁰.

Pe. Ney de Souza é Doutor em História Eclesiástica pela Universidade Gregoriana, Roma, e professor de História da Igreja na Pontifícia Faculdade de Teologia Nossa Senhora da Assunção.

¹⁰ O texto oficial deste Sínodo já foi publicado. Exortação Apostólica pós-sinodal *Ecclesia in America* do Santo Padre João Paulo II aos bispos aos presbíteros e aos diáconos aos consagrados e às consagradas e a todos os fiéis leigos sobre o encontro com Jesus Cristo vivo caminho para a conversão, a comunhão e a solidariedade na América, Cidade do Vaticano 1999.

O ROSTO MATERNO DE DEUS-PAI NO CRISTIANISMO

Ir. Maria Freire da Silva

INTRODUÇÃO

Quando nos debruçamos sobre o contexto Histórico, é necessário estarmos atentos às mudanças que a História nos impõem. Falar de Deus-Pai a partir do seu rosto materno, no momento atual, exige de nós uma compreensão acerca dos avanços tecnológicos e científicos que vão formatando a consciência humana de tal forma que esta se lança buscando interagir com e de acordo com as mudanças propostas.

Indubitavelmente, vivemos numa sociedade onde os conceitos vão adquirindo novas molduras e seu antigo conteúdo é ofuscado pela beleza da moldura. Um exemplo disso é o fato de podermos aqui, no nosso trabalho, refletir sobre o conceito de Pai. Quantas mudanças na forma de conceber o que é ser Pai hoje, e como isso altera as relações, antigamente tão bem definidas e delineadas pela própria definição do termo Pai! A sociedade moderna buscou e encetou uma nova forma de relação entre Pai e Filho. A sonhada liberdade e o poder de decisão sobre a própria vida vem

mudando o relacionamento entre pais e filhos, aceleradamente. Aqui surge, novamente, a nossa pergunta: como falar de Deus-Pai com rosto materno nesse mundo novo?

1. A REVELAÇÃO DO ROSTO MATERNO DE DEUS NO AT

Sem dúvida, quando analisamos o AT. vemos que Deus sempre fala a homens e mulheres, de geração, em geração de diversos modos, conforme nos fala São Paulo (Hb 1,1).

O AT. conhece e proclama Deus como o Deus de Abraão de Isaac e Jacó. O AT. nos apresenta que a adoração distinta do Deus de Israel tem seu início com Abraão e marca continuidade com Moisés. Do ponto de vista das fontes *E e P*, Deus é conhecido e adorado com o nome *SHADAY* (em P. Gn 17,1; 28,3; 35,11; 43,14; 48,3; En 6,3). *SHADAY* foi traduzido na LXX por *Pantokrator*, todopoderoso e, como tal, passou para outras versões. Exemplo: O Ente da montanha (a montanha cósmica, na antiga mitologia semita, era a casa dos deuses)¹.

¹ MACKENZIE, J. *Dicionário Bíblico*. São Paulo: Paulus, 1983, pp. 330-331

O título *Elyon*, o Altíssimo, provavelmente não é Israelita. O livro de Gn 4 identifica *El Elyon* como o deus adorado por Melquisedec em Jerusalém, e identifica esta divindade com o Deus dos Pais, adorado por Abraão. O nome aparece também como *Iahweh Elyon* em combinação com o nome próprio do Deus de Israel (Sl 7,18; 47,3). É encontrado num antigo poema (Nm 24, 16). Em outras passagens, como *SHADAY* parece ser um título poético arcaico (Dt 32,8; 2Sm 22,14; Is 14,14; Sl 18).

Quando o nome *El* é aplicado ao Deus de Israel, geralmente tem um genitivo explicativo. *El Betel* (Gn 35,7), *El de nossos Pais* (Gn 49, 25), *El de Israel* (Sl 68), *El de Jacó* (Sl 146), *El da Eternidade*, e assim por diante. Esses genitivos parecem sugerir uma distinção do Deus de Israel de outros seres a quem estes nomes eram aplicados. Esse nome é, agora, pronunciado *Iahweh* pelos estudiosos, a verdadeira pronúncia do nome perdeu-se durante o Judaísmo, quando um medo supersticioso do nome evitava o seu enunciado. Em seu lugar, era lido *Adonai* = Senhor².

2. DEUS COMO PAI NO AT

O emprego do nome de Pai com relação a Javé, inicialmente não parece característico. É uma denominação entre outras, talvez até mais importantes do AT. O cuidado para manter pura a verdadeira imagem de Deus deve ter impedido de conceber com, demasiada facilidade, Javé como Pai (Jer 2, 26-31).

A compreensão específica da paternidade de Deus, para o AT, está baseada na livre escolha do povo por Javé e na Aliança; Javé criou para si um povo (Is 63, 7-64, 12; Dt 32, 1-43). E a graça do Pai o acompanha sempre (Is 1,2; Dt 8,5; Sl 103,13). Dessa forma, a paternidade aqui constitui uma ação permanente de Javé com relação a seu povo (Is 63,7-64, 12). Esta consciência se amplia para maior universalidade: Deus é Pai e Senhor (Dt 32,6). No decorrer da História, o conhecimento da paternidade de Deus vai se aprofundado e se enriquecendo por maior interioridade, em relação aos pobres e fracos (Sl 68,6). É nesta perspectiva que se unem, em Deus, paternidade e maternidade (Os 11, 1-9; Jer 31, 9-20; Is 49,15; 66,13)³.

A paternidade de Deus inclui a maternidade. O profeta Is 42,14 não hesita em comparar a angústia divina, envolvida em realizar a nova criação, com a angústia de uma mulher em dores de parto. Portanto, quando falamos do Deus misericordioso, o conteúdo semântico da palavra *rehem* = útero, ventre, e no plural *rahamên* à que significa compaixão, nos mostra que o amor que procede do íntimo divino é o amor pelo filho de suas entranhas (Jer 31,20). Na linguagem hebraica, entranhas significa *arrahamenu*. Da palavra *rehem* deriva o termo *rahamim* que tem o significado de compaixão, misericórdia, ternura.

Reportando-nos ao profeta Oséias, vemos que o mesmo destaca a paternidade de Deus em união com a maternidade divina. Deus é aquele que ensina Efraim a caminhar e o toma nos braços, se inclina e o alimenta (Os 11,1-4). O texto demonstra um Deus-Pai-Mãe acompanhando a infância do Filho, dando-lhe o carinho devido, protegendo-o com amor maternal numa unidade do coração e das entranhas: meu coração se contorce dentro de mim e minhas entranhas se comovem (Os 11,8). Aqui, tanto a paixão paterna quanto a dimensão materna de Deus, são transcendentes. Estão ligadas à santidade de Deus.

“... Eu sou Deus e não um homem, Eu sou santo no meio de ti” (Os 11,9). Deus por sua santidade não ofuscará sua maternal paternidade. A divindade de Deus e sua santidade consistem justamente, no seu amor maternal e paternal. Quando o salmista esta em sofrimento, ele pergunta a Deus: se Deus, fechou as entranhas com ira (Sl 77).

Assim como uma mãe não está aberta para amar o filho somente quando esse cumpre sua vontade, seus projetos, assim e de forma profunda o Amor de Deus não se baseia no arrependimento de Israel e, sim, na santidade e identidade divinas. “Eu os amarei com generosidade” (Os 14, 5).

A generosidade é um atributo da paternidade de Deus em sua dimensão materna e apaixonada. Deus se lembra do seu povo e quer lembrar-se e, ao fazer memória, se contorce nas entranhas e elas transbordam de carinho (Jer 31, 20).

Deus, em sua paternidade, expressa uma profunda maternidade, lembrando de Efraim como um filho querido, uma criança de peito da qual a mãe não pode se esquecer (Is 49, 14-16). Aqui, tanto a paternidade quanto a maternidade estão unidas e garantidas pela Aliança⁴. Deus é o Pai que perdoa a infidelidade dos filhos. Ele é o Pai maternal de uma nova

² Idem, p. 231

³ VVAA. *Mysterium Salutis*; Compendio De Dogmática História Salvífica Vol II/1. Petrópolis: Vozes, 1978 pp. 55-56

⁴ VVAA. *Deus-Amor na Reflexão Cristã e nos Anseios do Homem Moderno*. São Paulo: Cidade Nova, 1993 pp. 42-43.

criação, de uma nova e definitiva Aliança⁵. Deus é como uma urso que se vê despojada dos filhotes (Os 13, 8).

3. A REVELAÇÃO DO ROSTO MATERNO DE DEUS NO NT

Jesus não fala de um Deus diferente daquele que todo israelita reconhece e adora. Ele se refere à imagem mais pura e autêntica que a revelação do AT. expressou, sobretudo através dos profetas.

O Judaísmo daquele tempo tende a evidenciar a onipotência e a transcendência de Deus⁶. Sem dúvida, Deus está presente no cotidiano da vida do povo. Sob o impulso dos profetas do pós-exílio e, posteriormente, através das correntes apocalípticas, adquire sempre maior consistência a convicção de que Deus virá com poder para manifestar plenamente sua realeza, para santificar seu Nome. A tendência geral, porém, é ver no Dia de *JHWH* um *dia de ira*, o juízo final⁷.

Como João Batista, Jesus anuncia que a vinda de Deus está próxima. Porém, diversamente do Batista, Je-

sus vê nesta grande intervenção divina uma realidade de alegria jubilosa, o encontro com o Deus amigo do homem e da mulher⁸.

Jesus anuncia a vinda de Deus como cumprimento da Promessa de felicidade, anunciadas através do profeta (Is 52, 7): "Como são belos os pés do mensageiro que anuncia a paz". Jesus proclama uma mensagem de alegria e esperança para os pobres: "Enviou-me a anunciar a Boa Nova aos pobres (Is 61,1)"⁹.

O Pai de Jesus é o Senhor do Reino. E na manifestação de sua paternidade, o Reino ganha visibilidade na Pessoa do Filho. E o Filho vive na confiança radical um profundo relacionamento com o "Deus-Abba".

Com Jesus, o termo "Pai" torna-se atributo característico de Deus. É o Deus de Israel se manifestando, definitivamente, nos novos tempos inaugurados por Jesus. O Pai que anula a distância, rompe com o pecado e faz reinar sua misericórdia, instaurando o seu Reino de amor. Sem dúvida, ao chamar Deus de "Abba", Jesus rompe com qualquer distância gerada entre Deus e a pessoa huma-

na. Ele usa a linguagem da criança, da proximidade, do encontro terno e carinhoso.

Primeiramente, é necessário entender este termo em relação à novidade do Reino de Deus trazida por Jesus. "Abba" expressa que Deus veio ao encontro com o ser humano, estabelecendo um novo relacionamento que deve caracterizar a vida do discipulado do Reino¹⁰. Relacionamento que brota das entranhas comovidas de Deus. Jesus lamenta sobre Jerusalém, fazendo memória do seu desejo maternal de cobrir e proteger Jerusalém embaixo das asas, como a galinha faz com pintainhos (Lc 13, 34-35). Portanto, Deus-Pai é o Deus maternal compassivo e misericordioso que acolhe em seus braços e cobre de beijos o Filho que retorna a casa (Lc 15, 11-32).

O Deus do cristianismo não é um patriarca solitário, dominador, refugiado no esplendor de uma glória passada. E sim o Deus-Pai que em suas faces gloriosas, continua o brilho do reflexo das suas entranhas misericordiosas que lançam sempre mais no gerar VIDA, no defender os filhotes como galinha voejando sobre os filhos e os protegendo embaixo de suas asas. Igual águia levantando vôos em dias

ensolarados, lapidando sob as asas o seu povo irradiando sua glória paterna e maternal.

O Evangelista João coloca Jesus falando de sua origem do seio do Pai e de sua volta ao Pai (Jo 7, 1-13). João ainda mostra uma relação direta entre o Filho e o Pai, tendo como vínculo de unidade o Espírito.

Portanto, tendo como ponto de partida o Evangelho joanino, é possível afirmar que a paternidade de Deus está intimamente ligada ao dinamismo do Espírito Santo. Aqui se manifesta a glorificação do Deus Uno e Trino. O Pai é glorificado pelo Filho, com o Filho e no Filho. O Filho é glorificado pelo Pai, com o Pai e no Pai. O Espírito glorifica o Filho, prolongando sua missão salvadora no mundo. E a glória do Espírito está em relação com a glória do Pai. Ele é o Espírito da glória. Dessa forma, manifesta-se o caráter trinitário da paternidade de Deus.

João põe Jesus falando da hora da cruz em proximidade com a hora do parto de uma mulher. Assim afirma o evangelista: "*quando a mulher está para dar a luz ela fica triste por causa das dores, mas, ao nascer o filho ela se alegre esquecendo as dores (Jo 16,21). Esta é a última parábola pascal e definitiva; pois,*

⁵ CONGAR. Y. Deus-Pai, in: *Concilium*. Petrópolis: 1998. pp 51-52

⁶ VVAA. *Deus-Amor na Reflexão Cristã e nos Anseios do Homem Moderno*. São Paulo: Cidade Nova, 1993 p. 50

⁷ Idem, p. 51

⁸ Idem, p. 51

⁹ Idem, p. 52

¹⁰ Idem, p. 69

o próprio Jesus afirma: chega a hora em que não falarei em figuras mas, claramente vos falarei do Pai” (Jo 16, 25).

Fazendo uma analogia da cruz com o parto de uma mulher nós percebemos dois elementos importantes próprios do nascimento. Na cruz, assim como num parto saem sangue e água. O que foi lido como nascimento de uma nova criação é, posteriormente, o nascimento da Igreja nascida do lado esquerdo do Cristo. Em algumas culturas (Astecas) o fato da mulher ter o filho e morrer no parto, assume uma significação sagrada, sacrifício humano que assegura a perenidade da tribo, nação, família. Na cruz, Jesus garante a perenidade através de sua morte. Ele gera vida, vida nova que brota da cruz.

4. DEUS PAI-MATERNAL NOS PADRES DA IGREJA

Quando nos debruçamos sobre a tradição oriental, vemos que a Pessoa de Deus-Pai ocupa o pensamento teológico como origem e fonte-princípio da unidade divina, a causa única¹¹. Santo Atanásio afirma: Há um só princípio da divindade e, conse-

qüentemente, existe a monarquia da maneira mais absoluta: um só Deus, porque um só Pai. Portanto, para os orientais, confessar a unidade trinitária é reconhecer o Pai como a única fonte das *hipóstasis* que simultaneamente recebeu dele a mesma e única natureza. É porque as relações se referem ao Pai, que elas significam ao mesmo tempo unidade e diversidade...¹².

“O grego considera a natureza como o conteúdo da Pessoa”, o que significa que cada *hipóstase* é a maneira pessoal de se apropriar da mesma natureza e por, conseguinte, cada *hipóstase* na sua realidade única, ultrapassa as simples relações de origem. Gregório Nazianzeno afirmou: “A natureza uma nos Três é Deus – quanto à união *kénosis* – é o Pai, de quem os outros procedem e para o qual eles se dirigem sem se confundirem se separarem, mas coexistindo com ele”¹³. De acordo com essa afirmação é o Pai quem distingue as *hipóstasis*, mas esta distinção ultrapassa o simples plano das origens pois, acolhendo o pensamento de São Máximo, o Pai os distingue “num movimento eterno de amor”¹⁴. O Pai

é a fonte da verdade. O Filho é princípio da revelação da verdade do Pai. O Espírito princípio da manifestação dinâmica e vivificante. É a vida da verdade.

Embora, na tradição oriental alguns Padres – ao falar do amor de Deus – relacionem esse amor à maternidade, temos poucos exemplos a esse respeito. Clemente de Alexandria, ao afirmar que Deus é amor, não hesitou em declarar: “Deus é Pai, mas a ternura com que nos ama torna-o mãe. Amando, o Pai se *feminiza*” (PG 9, comentário sobre Mc 10, 17-31). Isso nos leva a compreender que o rosto de Deus-Pai reflete suas entranhas compassivas que, em seu amor, sofreu uma paixão de misericórdia.

Os padres da Igreja oriental costumam falar de Deus em sua paternidade, usando expressões próprias de pessoas enamoradas, seduzidas, intensas, na arte de amar. Assim se expressa S. João Clímaco: “Feliz quem deseja Deus com a mesma paixão com que o noivo ama sua noiva” (PG 88, 456); Orígenes segue a mesma trilha, afirmando “como é belo e nobre ser ferido pelo teu amor” (PG 13, 54). Mas a característica do amor é tornar igual, para poder estar em comunhão plena.

Cirilo de Alexandria afirma que dizer “Pai”, por sua vez, significa chegar à razão de uma propriedade íntima, pois é manifestar que Deus

gerou (PG 74, 500). O amor é generante. Gregório de Nissa nos diz que “Deus é o amor que lança flecha, ou seja seu Filho” (PG 44, 864). Orígenes exulta ao ver toda criação como manifestação do amor de Deus. É na adoração do Deus-Amor que se manifesta o Filho do amor do Pai (*De principiis* IV 4, 4, 8).

Na Igreja oriental, a dimensão materna de Deus está relacionada ao Espírito Santo. Um dos padres chamado Makários diz que o Espírito é nossa mãe porque o *Paráclito*, o Consolador, está pronto a nos consolar como uma mãe ao seu filho (Is 66,13), e porque os crentes são renascidos do Espírito e são assim os filhos dessa mãe misteriosa, o Espírito (Jo 3, 3-5). Assim reza a liturgia Sírio-Antioquena: ó Graça, vem suplicar conosco, como tens o costume de fazê-lo; o mundo te olha como uma mãe misericordiosa. Traze-nos a tranquilidade e a paz e estende tuas asas sobre nosso século pecador. Nas odes de Salomão (Síria), o Espírito é chamado mãe. A pomba que representa o Espírito tem o sentido de peito de Deus, mãe de Cristo que dá leite.

No ocidente, Santo Agostinho fala de um Deus que contém uma beleza antiga e sempre nova que o atrai, que o toca... (Confissão 27). O Concílio de Toledo XI em 675, falou da dimensão materna de Deus Pai quando afirmou: “*De patris útero*”. O Filho

¹¹ Eudokimou. P. *O Espírito Santo na Tradição Ortodoxa*. São Paulo: Ave Maria, 1996 p. 53.

¹² DURRWELL. X. F. *O Deus Pai em seu Mistério*. São Paulo: Paulinas, 1990. p. 134

¹³ Idem, p. 43.

¹⁴ Idem, p. 43.

foi gerado ou nasceu do seio materno do Pai, isto é, de sua substância. Foi gerado como que de um Pai, nasceu como que de uma mãe¹⁵. Em 10/9/1978, o Papa João Paulo I, afirmou: "Deus é Pai, e mais ainda, é mãe"¹⁶. Quando falamos da criança no seio materno, vemos que ela se alimenta da substância da mãe. "Deus gera no Espírito, que (é necessário repetir) é o seio de Deus e sua divina substância, o Filho nasce nele e se alimenta dele eternamente"¹⁷.

Porém, faz-se necessário compreender que ao falar de geração, usamos imagens. Não é possível falar do mistério de Deus sem usar representações humanas, mas nenhuma delas consegue atingir, plenamente, o que deseja¹⁸.

5. A DIMENSÃO MATERNA DE DEUS NOS MÍSTICOS

Uma mística medieval da Inglaterra, denominada Juliana de Norwich, afirma que Deus se alegra por ser nosso Pai, e por ser nossa mãe... Conforme Juliana, a misericórdia é uma qualidade plena de compaixão que pertence à maternidade num termo amor...

Juliana nos sugere a fazer a experiência da maternidade de Deus que se reflete na história, atualizando-se dentro de cada cultura e contexto histórico.

São João da Cruz nos diz que o Amor divino é amor que quanto mais é uno, mais amor gera¹⁹. Essa unidade afirmada por São João nos leva a compreensão da unidade na trindade que sendo uma é diversa, isto é, Deus é unidade e diversidade. Uno em sua substância e comunhão em suas relações. Portanto, ao fazermos essa experiência de amor generante, revelamos o rosto materno de Deus.

Silvano do Monte Ato, monge ortodoxo do nosso século, é uma das grandes testemunhas de Deus-Amor em sua ilimitada misericórdia. Dessa forma, Silvano descreve o amor de Deus como o de um Pai e de uma mãe. "O Senhor nos ama ainda mais que uma mãe ama seus filhos... O Senhor nos ama como filhos, e o seu amor é maior que o amor de uma mãe..." (Cartas pp. 296. 319).

Concluindo, podemos afirmar que, de geração em geração, Deus tem em sua paternidade divina manifestado seu rosto, suas entranhas mater-

nas. Deus é verdadeiramente Pai e verdadeiramente mãe. Diante de toda uma caminhada histórica, a imagem e a linguagem com relação ao rosto materno de Deus foram ofuscadas por uma nova linguagem e imagem. E aqui, nós podemos afirmar que houve um deslocamento dos símbolos que expressavam a maternidade de Deus para a figura de Maria, vista na história como rosto materno de Deus. Tanto que, outros místicos como Catarina de Sena e Francisco de Assis falam, apenas, da paternidade divina e, ao se relacionarem na dimensão materna, entram em relação com Maria.

Sem dúvida, cabe a nós e ao nosso século resgatar os elementos que fundamentam a maternidade divina em relação com a paternidade. Como já nos afirmou Gregório Nazianzeno: Deus nem é masculino nem feminino, mas ambos estão Nele incluídos.

Ir. Maria Freire da Silva é Mestra em Teologia Dogmática pela Pontifícia Faculdade de Teologia Nossa Senhora da Assunção, São Paulo.

¹⁵ DURRWELL, X. F. *O Deus Pai em seu Mistério*. São Paulo: Paulinas, 1990. p. 134

¹⁶ Papa João Paulo I, cf. *L'Esprit Saint de Dieu*, p. 165-171

¹⁷ Idem, p. 135

¹⁸ Idem, p. 135

¹⁹ João da Cruz, *Chama Viva do Amor*, 1947.